



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711 1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie. CDD 980.4114
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

AGRADECIMENTO

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrandos, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrandos uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa¹.

1 Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas², sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parcialidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *juruá* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu *ñandereko* (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo "*Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani*", de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva". Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
DOI 10.22533/at.ed.2291927111	
CAPÍTULO 2	14
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2291927112	
CAPÍTULO 3	40
TEKOKHA JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
DOI 10.22533/at.ed.2291927113	
CAPÍTULO 4	56
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2291927114	
CAPÍTULO 5	70
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
DOI 10.22533/at.ed.2291927115	
CAPÍTULO 6	84
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.2291927116	
CAPÍTULO 7	103
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927117

CAPÍTULO 8 117

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927118

CAPÍTULO 9 128

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.2291927119

CAPÍTULO 10 144

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.22919271110

CAPÍTULO 11 158

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.22919271111

CAPÍTULO 12 171

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

DOI 10.22533/at.ed.22919271112

CAPÍTULO 13 177

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

DOI 10.22533/at.ed.22919271113

CAPÍTULO 14	185
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
Alexandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.22919271114	
CAPÍTULO 15	189
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
Uerique Aparecido Gabriel Matias	
DOI 10.22533/at.ed.22919271115	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	192

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Data de aceite: 19/11/2019

Mônica Panis Kaseker

Mestre e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com período sanduíche pela Universidad Autónoma Metropolitana (Xochimilco), na Cidade do México.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Lucas Ribeiro

Graduado em Jornalismo e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), bolsista da CAPES e tem pesquisado desde a Iniciação Científica sobre as relações entre mídia e a questão indígena.

Yago Junio dos Santos Queiroz

Estudante *Fulni-ô* do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Manolo [pseudônimo utilizado para preservar sua identidade] é um jovem cacique. Nos recebeu com uma câmera na mão. Forte, tatuado, cabelos longos e “cara amarrada”. Estava furioso. Acabava de voltar de Brasília onde havia participado de uma série de audiências para denunciar a situação de risco de seu povo na região junto ao Ministério Público Federal e outros órgãos

ligados à defesa dos Direitos Humanos. “O que é que manda?”, perguntou a um dos coordenadores do grupo que acompanhava a equipe. Passamos a explicar os objetivos de nossa visita e ele aceitou gravar entrevista.

Fomos caminhando até o espaço da Casa de Reza devagar. Manolo parou diante de uma cruz de Cedro, árvore sagrada para os Avá-Guarani, passou a mão sobre o tronco ainda jovem, olhou para cima, os galhos estavam viçosos. Nos apresentou a árvore. Seguiu pelo caminho devagar, desviando dos cachorros e galinhas que nos rodeavam. Muitos filhotes. Também havia uma ou outra criança curiosa e os velhos que passavam e nos cumprimentavam. Uma senhora se sentou com uma garrafa pet cheia de água ao seu lado e espantava os bichos quando se aproximavam demais. Sob o teto de palha, sem paredes, Manolo orientou o melhor lugar para gravarmos. “Aí vai ficar contra luz”, afirmou. Posicionamos a cadeira dele diante da (nossa) câmera sobre um tripé no chão de terra. Foi apenas uma pergunta inicial e Manolo passou a falar da história dos Avá-Guarani naquela região durante uma hora e dez minutos. Houve apenas uma pausa, para se recuperar da emoção. Não só Manolo

chorou, mas também vários integrantes da equipe, que embarcaram numa viagem desencadeada pela narrativa. Nos pareceu emblemático que aquela câmera servisse como uma arma de defesa contra os frequentes ataques sofridos pela comunidade. Havia homens destacados como seguranças em cada *Tekoha* em Guaira. Passavam a noite em vigília.

A entrevista de Manolo foi a última de um total de 49 depoimentos gravados ao longo de três viagens às Terras Indígenas onde vivem os Avá-Guarani do Oeste do Paraná. Neste texto trazemos os pontos mais marcantes anotados nos diários de campo da equipe que trabalhou no registro audiovisual dessas viagens técnicas. Como nos pareceu impossível sintetizar todas essas falas de caciques, lideranças, *xamões* e professores, nos concentramos em descrever “cenas” de nossa experiência e nos focar no depoimento de Manolo, que se apresentou como uma síntese do discurso do povo Avá-Guarani sobre sua trajetória e condição atual naquela região. Nossa metodologia, portanto, é de caráter qualitativo, podendo ser considerada no âmbito da pesquisa-ação, com observação participante e realização de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2000, p.107-135).

AS VIAGENS E O CONTATO COM DIFERENTES REALIDADES

Do norte pioneiro do Paraná rumo à região Oeste do Estado. O projeto consistiu em viagens aos municípios de Guaira, Diamante do Oeste e São Miguel do Iguacu para reunir depoimentos dos moradores das terras indígenas da região, no intuito de elaborar e organizar um material pedagógico para não indígenas. Os Avá-Guarani queriam contar sua própria versão da história de resistência na região.

As expectativas de nós pesquisadores eram das mais variadas. Alguns já conheciam a região, moradores das aldeias e terras indígenas. Outros jamais haviam tido qualquer contato com aqueles povos. Já havíamos vivenciado algumas experiências com os povos indígenas da região Norte do Paraná, mas a situação na região Oeste era diferente, marcada por conflitos e violência.

O desafio de coletar os relatos dos moradores das aldeias indígenas daquela região envolvia emoção e desconfiança. Tomar os relatos dos moradores dessas aldeias poderia ser uma tarefa árdua, afinal era um tocar na ferida ainda aberta na memória daquelas pessoas. Por tudo isso, nossas expectativas estavam permeadas de incertezas, mas de qualquer forma, tínhamos que estar preparados para o que pudesse acontecer.

CONHECENDO OS POVOS ORIGINÁRIOS DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

São Miguel do Iguacu (PR) fica a menos de 50 quilômetros de Foz do Iguacu

(PR), fronteira entre Brasil e Paraguai. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município estimava ter 27.325 habitantes em 2018. A realidade de uma cidade fronteiriça é notória: vendedores ambulantes, barraquinhas de produtos variados a cada esquina, conflitos políticos, desigualdade e exclusão sociais. Os *Tekohas Oco'y* e *Aty Mirim* são aldeias da etnia Avá-Guarani. A primeira é demarcada e a segunda está em processo de retomada, tanto *Oco'y* quanto *Aty Mirim* se veem ameaçadas no que se refere à vida dos habitantes e à manutenção da cultura e dos costumes tradicionais.

Ao chegar na primeira comunidade (*Oco'y*), fomos recepcionados pelo cacique Celso Japoty Alves e pelo *xamõi* Casseiro Pereira Centurião, com uma apresentação ritualística de boas-vindas realizada na Casa de Reza da aldeia. Os Avá-Guarani rezam quando chegam as visitas, desejando que tudo corra bem enquanto estiverem juntos, e quando elas vão partir, rezam novamente agradecendo o que viveram juntos e desejando segurança no retorno dos visitantes às suas casas. Preferimos não tomar depoimentos logo de início. Sentíamos que era preciso conhecê-los, criar uma conexão, deixá-los acostumarem-se à nossa presença. Era preciso que apresentássemos nossas pretensões e eles nos falassem sobre suas expectativas.

Depois do ritual, fomos para o Colégio Estadual Indígena *Teko Nemoingo*, que nos serviu como ponto de concentração para a realização de todas as atividades. Ali nos encontramos com alguns professores (indígenas e não indígenas), além do cacique Natalino de Almeida Peres, da aldeia *Aty Mirim*, que veio para participar da reunião inicial do projeto, para que fosse articulada uma dinâmica de trabalho, a partir das demandas e dos objetivos dos moradores. A roda de conversa começou por volta das 16 horas. Numa reunião inicial, aproximadamente um ano antes com a coordenação do projeto, as lideranças haviam sugerido que se produzisse um material pedagógico que os auxiliasse no diálogo com os não indígenas da região, de forma a apresentar os Avá-Guarani de forma não estereotipada. Eles reiteraram o desejo de mostrar que aquela população indígena, de aproximadamente 200 famílias, somando *Oco'y* e *Aty Mirim*, pertencia àquele lugar. Queriam ser apresentados como protagonistas de suas próprias histórias. No entanto, demonstraram uma preocupação com o tempo: ficaríamos somente três dias. As lideranças se preocuparam com “a pressa” dos não indígenas. “Como vamos fazer tudo isso em dois dias? Não é bem assim...”. A equipe explicou a dinâmica de trabalho. Enquanto uma parte de nós gravaria os depoimentos, outra equipe se concentraria na produção de gravuras participando de uma oficina. A partir desse material e da orientação da comunidade, editaríamos o material, para então finalizar com a avaliação de todos os envolvidos no processo. De acordo com essa dinâmica, as lideranças foram selecionando entre as pessoas da comunidade as que seriam entrevistadas. Alguns assuntos foram

definidos como prioridade para as publicações:

1. História – Os Avá-Guarani estavam naquela região muito antes da chegada dos europeus;
2. Conflitos – Os Avá-Guarani estão resistindo a confrontos, violência e preconceito desde a chegada dos não indígenas;
3. Tradições – Os Avá-Guarani querem preservar conhecimentos tradicionais como a língua, a religiosidade e os medicamentos naturais;
4. Atualização – Ser indígena não significa andar pelado na selva. Eles têm direito à educação escolar específica e ao acesso às tecnologias como internet, celular e computador.

Após a roda de conversa, começamos a montar os equipamentos de filmagem. Como cenário, a própria escola, que tinha nas paredes grafismos indígenas desenhados. Foram entrevistados no primeiro dia os caciques dos dois *tekohas*, além do *xamõĩ* e de professores das escolas de *Oco'y* e *Aty Mirim*. De forma geral, os depoimentos eram todos baseados nas histórias dos antepassados, principalmente no relato do *xamõĩ* Casseiro, que relembrou as relações dos antepassados com o território e com as práticas culturais Avá-Guarani. Os mais velhos preferiam sempre falar em Guarani e, para isso, as entrevistas eram mediadas pelo estudante de medicina da UEL, Rodrigo Luis, que também é Avá-Guarani da região de Guaíra, falante da língua.

Os demais entrevistados, além relatarem a importância da afirmação identitária e do fortalecimento indígena no movimento de resistência dos povos originários, discorreram sobre a atualização e o envolvimento desses sujeitos no ambiente escolar e universitário, e o que isso tem a contribuir para a causa indígena. Assim, ficava evidente a preocupação das lideranças em formar novos líderes indígenas para estar à frente das comunidades para defender suas próprias causas.

Era possível notar o entusiasmo das lideranças indígenas por estarem contribuindo na produção desse material que lhes daria visibilidade, segundo sua própria perspectiva.

No segundo dia de atividade, a equipe de produção audiovisual foi para *Aty Mirim*, que ainda está em processo de retomada, ou seja, seu território não está legalmente demarcado como no caso de *Oco'y*. Nos concentramos na Escola Estadual Indígena *Arandu-Renda*, para dar continuidade às atividades do projeto, assim como à produção dos vídeos. O contato em *Aty Mirim* se deu apenas na parte da manhã, com a gravação de uma entrevista com a dona Hirma Nhundu Almeida, uma *chary'i* da comunidade que contou em Guarani sobre a história de seu povo.

De volta a *Oco'y*, as gravações continuaram, desta vez tomando imagens do local, do cotidiano da comunidade (ainda que a nossa presença durante os dias de

realização do projeto tenha alterado a rotina daquelas pessoas, que ficavam sempre atentas e curiosas com nossa movimentação). Os moradores de ambas as aldeias se mostravam entusiasmados com a produção dos vídeos. Sugeriam o que filmar e fotografar. Aos poucos foram se sentindo à vontade com nossa presença e também com a presença das câmeras.

Mas, ainda que com toda essa excitação, uma questão os deixava abalados: a morte do marido de uma professora, alguns dias antes, ainda era lembrada constantemente. Com muitas ressalvas e um pouco de angústia, fomos à casa dela para tomar seu depoimento. Ainda que abatida com a morte do marido, a professora quis falar e se mostrou forte ao contar sobre sua história de superação de preconceitos na vida escolar e, também, na vida acadêmica. Ela é uma das jovens lideranças femininas daquela comunidade, que tenta converter essa trajetória de sofrimento em força para defender a educação das crianças e jovens Avá-Guarani.

Por fim, os três dias em São Miguel do Iguçu-PR, em contato com as duas aldeias surtiram resultados positivos para a experiência no campo das Ciências Humanas, mas, sobretudo, para a construção de um olhar empático e mais cidadão para com as realidades vivenciadas pelos Avá-Guarani. De forma dialógica, o trabalho desenvolvido pela equipe de comunicação em *Oco'y* e em *Aty Mirim* buscou contribuir com a visibilidade da condição daquelas comunidades. O então estudante de graduação em Jornalismo da UEL, Lucas Ribeiro, apontou assim em seu diário de campo: “a principal lição tirada da experiência dos vídeos documentais das histórias dos Avá-Guarani é de que a história ainda não está contada... ela se molda no cotidiano da resistência do povo indígena” (RIBEIRO, 2018).

OS AVÁ-GUARANI EXISTEM EM DIAMANTE DO OESTE

Nossa segunda viagem foi ao município de Diamante do Oeste, 60 quilômetros ao norte de São Miguel do Iguçu. A história oficial, contada no *site* da prefeitura e do governo do Estado, começa em 1541 com a passagem do explorador espanhol dom Álvaro Cabeça de Vaca com “uma comitiva de 250 homens e 26 cavalos”, vinda do litoral catarinense em direção a Assunção, no Paraguai. Depois da Guerra do Paraguai, passou a compor a Colônia Militar do Iguçu que emitiu os primeiros títulos de posse de terras, especialmente ao argentino Domingos Barthe, que passou a explorar a madeira e a cultivar erva mate na região (DIAMANTE DO OESTE, 2019).

A presença dos povos originários na região quase não é mencionada pelas prefeituras. Retratar a presença indígena, invisível na história oficial, era justamente o que nos levava até lá. Na Terra Indígena Itamarã, município de Diamante do Oeste, encontramos a comunidade Avá-Guarani à nossa espera. Depois de uma roda de apresentação e conversa com o cacique e lideranças na Casa de Reza, iniciamos as

oficinas e as entrevistas. Yago Queiroz, estudante de Jornalismo da UEL, da etnia Fulniô, criado em uma comunidade Kaingang na região Norte do Paraná, anotou em seu diário de campo:

Eu, enquanto indígena, fiquei maravilhado por ter a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os parentes Avá-Guarani e também muito feliz em saber que de algum modo poderia ajudá-los. Lembro que várias pessoas da comunidade chegavam e que um grupo de jovens envolvidos em ações da Casa de Reza capinava o entorno. Logo após esse bate papo, fomos almoçar na escola, junto com eles. Tudo lá era encantador, uma magia sem explicação, daquelas que acalenta o coração e ao mesmo tempo simples e de uma formosura inigualável (QUEIROZ, 2018).

Nessa viagem tivemos problemas com os equipamentos e acabamos gravando poucos depoimentos. Algumas imagens foram feitas com celular. O *xamõi* de Itamarã e dois caciques de acampamentos ao redor da cidade de Santa Helena e uma liderança de outro acampamento foram ouvidos. Após os trabalhos, jantamos juntos e nos encaminhamos para a Casa de Reza para uma apresentação e uma cerimônia em que agradeceram nossa presença. Momentos antes da apresentação foi aberto um espaço para que cada integrante da equipe falasse, assim como as lideranças e o cacique, enquanto foi servida uma bebida feita de fubá, “muito semelhante ao ki ki dos Kaingang”, relembra Yago. “Tinha um gosto adocicado e levemente fermentado. Após as falas, começaram a rezar, cantando em círculo dentro da Casa de Reza, e fomos convidados a nos juntar a eles naquela gira. As energias naquele espaço naquela noite eram lindas, renovadoras e inspiradoras” (QUEIROZ, 2018).

Com problemas nos equipamentos e conexão de Internet ruim, levamos horas para salvar os materiais gravados e deixar tudo pronto para recomeçar os trabalhos. No dia seguinte, a equipe se dividiria em duas partes, uma que retornaria a Itamarã para continuar com a oficina, e outra que partiria rumo a outros três acampamentos da região, áreas de retomada, para visitar e coletar falas de lideranças e caciques. Dois dos acampamentos eram bem próximos, à beira de um rio, muito precários. No primeiro, gravamos com uma *chary'i* que nem se lembrava de qual era sua idade, pois seus documentos haviam sido feitos décadas depois e, por isso, não tinham a data precisa de seu nascimento. Depois do almoço, fomos à Terra Indígena vizinha, *Añetete*, onde, após os rituais na Casa de Reza, gravamos com o cacique, sua sogra e o *xamõi*.

No último dia de oficinas e gravações o trabalho começou muito cedo em Itamarã, onde ainda gravamos entrevistas. Após o fim da oficina de xilogravura, almoçamos e começamos organizar os equipamentos e materiais para voltarmos para casa. A essa altura, parte da equipe já havia partido. Os demais foram para a Casa de Reza, pois, assim como quando chegamos, para ir embora rezaram para agradecer nossa presença e abençoar nosso caminho de volta. Nos despedimos de

todos e saímos. Porém, antes de sair da *Tekoha*, nos banhamos nas águas gélidas do rio que cerca o local. “Momento digno da expressão “fechar com chave de ouro”, pois aquelas águas abençoadas terminaram o processo de renovação dos nossos espíritos, assim como nosso trabalho ajudou e está ajudando o povo Avá-Guarani” (QUEIROZ, 2018).

OS AVÁ-GUARANI RESISTEM EM GUAÍRA

O último ponto de parada foi Guaíra, a 145 quilômetros ao norte de Diamante do Oeste. Na história oficial de Guaíra, finalmente uma menção aos povos indígenas, apontando desde o começo para uma relação conflituosa: “Trilha o mesmo caminho desde que portugueses e espanhóis aportaram na região para disputar com indígenas o domínio pelas terras de belezas naturais assombrosas e imenso potencial econômico” (GUAÍRA, 2019).

De acordo com o texto de apresentação da prefeitura, em 1525, Aleixo Garcia, considerado o “descobridor oficial do Paraguai” - percorria a região das Cataratas do Iguaçu e de Guaíra em sua viagem para o Peru, utilizando o caminho do Peabiru - estrada indígena que ligava o Atlântico ao Pacífico. Ele teria sido o primeiro homem branco a visitar aquele território. “Nestas paragens, em breve conviveriam (nem sempre em harmonia) espanhóis, indígenas e jesuítas” (GUAÍRA, 2019).

Em 1554, foi fundada a Ciudad Real Del Guayrá e a economia girava em torno da horticultura e do extrativismo de erva-mate. A cidade ficou “sob o controle jesuíta, que catequizava os indígenas Guaranis que então viviam em abundância em toda a região”. Em 1631, os bandeirantes destruíram essas vilas e o Império Português passou a controlar a região. A área teria ficado inabitada, com o extermínio e fuga dos Guaranis para outras regiões (GUAÍRA, 2019).

Em nossa visita ao município encontramos uma cidade que nega a presença dos povos originários e a população urbana utiliza adesivos nos carros com a mensagem “Fora Funai”. Por isso, havia uma certa tensão, como conta Yago, em seu diário de campo:

Estávamos todos bem preocupados em como seria o trabalho lá, por se tratar da região onde se concentra maior índice de preconceito, racismo e discriminação dos povos indígenas no Paraná, a ponto de serem mortos por simplesmente serem indígenas. Uma cidade criminosa, com um governo omissa, toda cidade omissa, na verdade. Tanto que poucos dias antes de viajarmos houve o assassinato de um jovem Avá-Guarani quando saía de uma reunião na Funai. A expectativa que existia em mim era ofuscada pelo medo, e ao mesmo tempo por tristeza, em saber que simplesmente por ser indígena podia ser morto lá. E fiquei imaginando o quão terrível é ser privado de usufruir de algo que lhe pertence, ainda mais sob ameaças de ser morto. E tudo isso os parentes do Oeste vivem diariamente (QUEIROZ, 2018).

Chegamos à noite e no outro dia pela manhã seguimos para *Jevy*. Ao chegarmos

ao *tekoha*, muitas pessoas estavam ao redor da Casa de Reza e a comunidade havia se preparado para nos receber com microfone e caixa de som. Era uma vila de casas pequenas, onde havia uma escola. Fizemos uma fila paralela ao altar na Casa de Reza e cada um foi se apresentando com o microfone. Desta vez, além da equipe, tinha representante da Secretaria de Estado da Educação, que foi acompanhar nosso trabalho e constatar a atual situação da educação escolar indígena na região de Guaíra. Após a apresentação e a reza, procuramos um bom lugar para fazer as gravações e encontramos a sombra de uma árvore. Uma parte da equipe se dedicou à gravação das entrevistas, enquanto a outra parte dava início às oficinas.

Toda a comunidade almoçou com a equipe no quintal na casa do cacique. Momento de convivência alegre e pausa para refletir sobre o que estávamos fazendo:

E a todo o momento um sentimento bom tomava conta de mim, estar ali podendo de alguma forma ajudar os parentes Avá-Guarani me fez saber que realmente ter escolhido cursar jornalismo foi a opção correta, pois eu posso não mudar o mundo, porém sei que, de certo modo, estar ali trabalhando um pouquinho os ajudaria e muito (QUEIROZ, 2018).

Após o almoço, seguimos com as entrevistas, e com as oficinas paralelamente. Gravamos com o cacique e este momento foi bem interessante, pois sua filha não desgrudava dele. Isso dificultava o enquadramento, pois a criança tampava parte do corpo do entrevistado. Porém, aquela imagem refletia muito sobre como as fórmulas prontas podem se mostrar inadequadas diante de outra cultura. A filha do cacique ganhou espaço no enquadramento. As entrevistas tinham falas fortes, chocantes e nos impressionavam. “Lembro que uma senhora disse que quando ia à cidade os não indígenas insinuavam que eles eram animais e os chamavam como se chama animais. Tudo isso mexeu muito comigo. Numa das entrevistas que fizemos, com o *xamõ*, sua esposa tinha que ficar ao lado dele para ajudar o Rodrigo a traduzir em Guarani o que estava sendo perguntado. Aquele senhor tinha mais de cem anos e nos falaram que ele ainda planta roça. Certamente um exemplo de ser humano” (QUEIROZ, 2019).

Após o término das entrevistas e da oficina, voltamos à Casa de Reza para as despedidas. As lideranças e o cacique juntos aos coordenadores do projeto tiveram um espaço de fala e agradecimentos, e para finalizar uma jovem indígena leu duas cartas, uma delas era destinada aos coordenadores do projeto para agradecer, e a outra era destinada à Secretaria de Educação. Ao mesmo tempo em que agradecia a presença da representante da secretaria, fazia um apelo, para que se tivesse uma escola indígena ali, pois estavam cansados de sofrer preconceito na escola da cidade e havia casos de jovens cometendo suicídio por causa da situação em que vivem. A essa altura ninguém continha mais o choro.

No dia seguinte, fomos para outra comunidade e trabalhamos na única

escola indígena existente na região, em Mangaratu. Chovia levemente. Fomos recepcionados com uma reza:

Em cada terra indígena e acampamento que tive o privilégio de ir, me senti bem, cada um de uma forma diferente, mas todos me ensinaram lições que levarei pra vida, enquanto humano, enquanto jornalista e enquanto estudante Kaingang de jornalismo e futuramente um jornalista Kaingang (QUEIROZ, 2018).

Um dos depoimentos, que depois descobriríamos que continha uma falha de áudio, foi com um *xamõi* que havia participado das gravações do documentário *Martírio*, de Vicent Carelli (2017), sobre as retomadas das terras dos Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Pedimos que contasse sobre como foram os conflitos presenciados por ele com os fazendeiros no Mato Grosso do Sul, onde seu pai acabou sendo morto. Falou em Guarani, Rodrigo não podia nos ajudar naquele momento. Não precisamos entender as palavras, choramos todos. Por causa do problema técnico, tivemos que regravar esse depoimento no dia seguinte, porém não foi a mesma coisa. Lamentamos.

Após as gravações pela manhã, a equipe visitou e coletou depoimentos em outros acampamentos da região, sendo um deles dentro da cidade. Em um dos *tekoha*, *Yvy Porã*, vimos a situação precária dos indígenas, obrigados a estocar a água de beber em barris plásticos, anteriormente utilizados para transporte de agrotóxicos. Em outro acampamento, *Yvy Raty Porã*, em Terra Roxa, entrevistamos um *xamõi* com mais de 100 anos, que descansava em sua rede. Nesse local eles tinham um macaquinho de estimação, que livre corria das árvores para o colo de um deles. O *xamõi* carregava junto de si duas cuias, uma para beber e outra para comer. A explicação do Rodrigo, que traduzia mais essa fala em Guarani, é que ele carrega as cuias, pois caso aconteça algum ataque e que ele precise sair correndo para o mato terá vasilhas para comer e beber. Esse *xamõi* faleceu em junho de 2019.

Partimos rumo a outro acampamento, *Tajy Poty*. No altar da Casa de Reza, construído com galhos de cedro, árvore sagrada para os Avá-Guarani, havia um broto saindo de um toco de madeira. “Uma das cenas que mais me marcou nessas viagens, pois mostra que sempre é possível recomeçar” (QUEIROZ, 2019).

No último dia, deixamos parte da equipe na mesma escola do dia anterior e fomos aos acampamentos que ainda não tínhamos visitado. No *Tekoha Porã*, que fica dentro da cidade, entrevistamos um *xamõi* que também tinha mais de 100 anos e que acabou falecendo pouco mais de um mês depois de nossa visita. E com uma *chary’i*, que é parteira na comunidade e conhecedora da medicina tradicional Avá-Guarani. Como em todas as entrevistas com os mais velhos, a atuação do Rodrigo foi fundamental na condução.

Então, partimos para o último acampamento, *Y’Hovy*, onde encontramos o

cacique Manolo, conforme descrevemos no início deste texto. Após certa resistência e desconfiança, ele começou sua narrativa fazendo pontuações históricas da presença de seu povo na região e descreveu o cotidiano da convivência com os não indígenas na atualidade.

Nossa luta diária hoje, ela é bastante árdua, a gente enfrenta o preconceito, a discriminação e outras violências muitos piores, atropelamentos, tentativas de atropelamentos, as crianças são discriminadas nas escolas, as crianças não têm liberdade de falar a própria língua dentro das escolas né, eles não podem se misturar com os alunos não indígenas porque no dizer dos pais desses alunos né, as crianças indígenas representam perigo para os filhos deles. Então essas violações de direitos começaram lá no passado nos trouxe um impacto grande até hoje e continua nos impactando, a violência continua, os grandes fazendeiros e proprietários de terra eles continuam lutando de maneira a oprimir o nosso movimento indígena, criando organizações que já são formadas com o intuito de oprimir o nosso movimento, com o intuito de não deixar que a gente conquiste a demarcação da nossa terra, com o intuito de incitar o ódio e a violência na cidade fazendo com que a cidade toda nos trate como inimigos. Porque a sociedade hoje não nos trata nem como inimigos, ela nos trata como se fôssemos praga, como se fôssemos alguma coisa que prejudica a sociedade de alguma maneira, porque a gente sabe que mesmo os inimigos eles podem ser respeitados, mas eles não respeitam os Guarani de maneira alguma. O comércio se recusa a vender para os indígenas, os estabelecimentos públicos se recusam a prestar atendimentos para os indígenas, a prefeitura teve uma época em que ela decretou feriado para que a sociedade fizesse uma manifestação contra a demarcação de terras, contra presença dos Guarani. É, aqui na nossa cidade a gente está sendo massacrado dia após dia, porque a gente não tem direito de ser Guarani, porque eles falam, eles não são Guarani, a gente não tem o direito de existir, porque eles falam que aqui não existe o Guarani. E muitas dessas violências vem da Itaipu, vem dos políticos, dos deputados, da bancada evangélica, da bancada ruralista que criam projetos de leis, que criam PECs, para que eles consigam retirar dos indígenas todos os seus direitos que existem hoje na Constituição Federal... (MANOLO, 2019).

Em outro trecho de sua fala, Manolo conta sobre como as redes sociais e a mídia local tem sido utilizadas contra a presença Avá-Guarani em Guaíra.

Aqui eu já fui ameaçado por várias vezes, através de recados, através de telefonemas, e se fundou uma organização chamada Organização Nacional do Direito de Propriedade, a sigla dela é ONGDIP, ela é sediada em Guaíra, e ela foi criada com os fazendeiros e os advogados, sindicatos de vários municípios, Mercedes, Palotina, Marechal e também do Mato Grosso do Sul. E a partir da fundação dessa organização, esses fazendeiros eles ficaram muito bem articulados, qualquer mobilização eles estavam acompanhando, qualquer retomada eles estavam lá, em questão de minutos eles se reuniam em 500 a 600 pessoas, através de **facebook**, através de grupos de **whatsapp**, eles se reuniam, iam para a retomada e tiravam os Guarani, como se fossem gado, a gritos e a tiros. E não foi só uma vez que isso aconteceu, a gente tem algumas fotos ainda de umas das retomadas que foi em Terra Roxa, que eles conseguiam ônibus da prefeitura para levar os fazendeiros até a retomada, eles colocavam o carro de som na cidade para convocar a população dizendo que uma área está sendo invadida por paraguaios, e que a população tem que se reunir para trazer a retirada desses paraguaios. A rádio falava que o direito era de todos, mas que a população teria que se unir, porque a cidade de Guaíra ia se tornar terra indígena, que as pessoas iriam ser expulsas de suas casas (MANOLO, 2019).

A fala de Manolo traz outras denúncias de atentados, sequestros e estupros ao longo dos últimos anos contra membros da comunidade Avá-Guarani. Isso sem falar, na alta incidência de suicídios entre os jovens nos últimos anos. Na ocasião de nossa última viagem, a comunidade ainda estava de luto pelo suicídio de um jovem.

O AUDIOVISUAL E AS QUESTÕES DE IDENTIDADE E INTERCULTURALIDADE

Um dos objetivos da produção audiovisual é o de articular os sentidos de identidade e interculturalidade nesse processo. Como destaca Canclini (2015, p.235), nas últimas décadas multiplicaram-se os usos das tecnologias por parte de grupos indígenas para registrar suas lendas orais, medicinas tradicionais, mitos e cosmovisões, além de comunicarem-se com outros povos e estabelecerem solidariedade política. Seria como uma “segunda oralidade”. A conexão, proporcionada pela comunicação audiovisual, em especial na Internet, permite o desenvolvimento da interculturalidade. Ao contrário de ver os povos indígenas como um entrave ao desenvolvimento econômico, combate-se a desigualdade e valoriza-se as diferenças culturais no trato dessa questão. Canclini propõe encarar a interculturalidade como um patrimônio, uma riqueza (2015, p.60-69).

Os Avá-Guarani sabiam claramente como utilizar a comunicação audiovisual em sua defesa: a produção serviria para contar sua versão da história, denunciar a violência, o preconceito e preservar suas tradições, ao gravar as falas na língua materna e transmitir o conhecimento dos velhos. Porém, o que mais nos chamou a atenção foi a consciência sobre a necessidade de atualização da imagem do que é ser indígena na atualidade. As lideranças fizeram questão de que gravássemos com professores, estudantes universitários e jovens lideranças indígenas, que já atuam nessa direção. Nesse sentido, a comunicação é vista como uma das ferramentas para essa atualização e para a defesa de seus direitos constitucionais. Como explica Hall, ao tratar sobre o jogo das identidades culturais na pós-modernidade:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Essa afirmação nos remete a Eagleton, para quem as formas mais inspiradoras de políticas de identidade “[...] são aquelas em que você reivindica uma igualdade com os outros no que diz respeito a ser livre para determinar o que é que você deseja se tornar” (2005, p. 99). Enquanto são alvejados muitas vezes a bala, os Avá-Guarani aceitaram as câmeras como arma de defesa.

PARA CONCLUIR

A experiência de trabalho com audiovisual nas comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná foi de mútuo aprendizado e nos proporcionou uma conexão com as comunidades que não pretendemos esquecer “no conforto do ar condicionado”, como nos advertiu Manolo. Terminamos o trabalho com a sensação de que o ideal teria sido fazer uma produção mais participativa: envolver os membros da comunidade no manuseio das câmeras, editar todo o material junto com eles. Pela distância e limitação de tempo e recursos não foi possível. No entanto, dentro das possibilidades, acreditamos que o resultado foi satisfatório nos colocando como mediadores do processo.

Foi possível confirmar inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade. Tradição e memória são aspectos a serem trabalhados, assim como a denúncia e o combate ao preconceito e às imagens estereotipadas. Os Avá-Guarani buscam atualizar sua imagem e defender seus direitos constitucionais. Se o audiovisual pode ajudar os não indígenas a conhecer mais de perto os modos de vida dos Avá-Guarani, é certo que pode também criar conexões positivas entre indígenas e não indígenas. Em seus discursos audiovisuais, eles constroem pontes. “A ponte não ocupa um lugar, mas o cria e o constitui” (DI FELICE, 2017, p. 29).

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CARELLI, Vincent. **Martírio**. Documentário audiovisual sobre os Guarani Kaiowá. 2017. Vídeo nas Aldeias. 2017.

DIAMANTE DO OESTE. **Site da prefeitura**. Disponível em <http://www.diamantedoeste.pr.gov.br/> Acesso em 30 maio 2019

DI FELICE, Massimo. Atopia, redes digitais e a crise das formas do habitar do Ocidente. (In) DI FELICE, Massimo Di; PEREIRA, Eliete S. **Redes e ecologias comunicativas indígenas**. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.

GUAÍRA. **Site da prefeitura**. Disponível em <http://www.guaira.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1> Acesso em 30 maio 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Miguel do Iguaçu - População**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/sao-miguel-do-iguacu/panorama>. Acesso em 20 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2000.

QUEIROZ, Yago. **Notas de diário de campo**. Londrina, 2018.

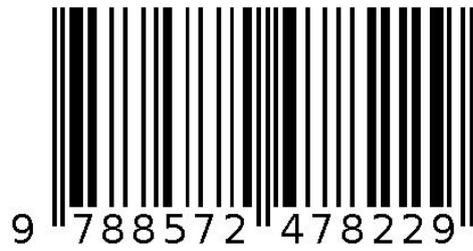
RIBEIRO, Lucas. **Notas de diário de campo**. Londrina, 2018.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Elisa Yoshie Ichikawa - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

Wagner Roberto do Amaral - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229